

## **“Nós não temos nada a ver com a Baixada!” – problemáticas de uma representação hegemônica na composição do território.**

André Santos da Rocha<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo tem o objetivo de apresentar a problemática que se estabelece em torno da representação hegemônica da Baixada Fluminense. Essa representação construída ao longo da segunda metade do século vinte, que é baseada em concepções de pobreza, violência e descaso social, entra em choque com interesses políticos e econômicos de alguns municípios e interfere, especialmente, na delimitação da composição territorial da Baixada. Mostramos como elementos territoriais são utilizados como “trunfos de legitimidade”, que fundamentam as estratégias da inclusão-exclusão na Baixada. Neste sentido, entendemos que aquilo que chamamos de Baixada Fluminense é, na realidade, uma representação territorial de poder.

**Palavras-chave:** Baixada Fluminense; representação hegemônica; trunfos de legitimidade territorial.

### **Abstract**

This article aims to present the problematic that is settled around the hegemonic representation of Baixada Fluminense. This representation, constructed over the second half of the twentieth century, which is based on conceptions of poverty, violence and social neglect, goes into shock with the political and economic interests from some municipalities, and, especially, it interferes with the delimitation of Baixada's territorial composition. It is presented how territorial elements are used as “trumps of legitimacy” that substantiate the inclusion-exclusion strategies at Baixada.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Coordenador do Laboratório de Geografia Política e Práticas Educativas – LAGEPPE/UFRRJ. Doutorando em Geografia pela UFRJ - Bolsista de Doutorado do CNPq.

In this sense, we understand that what we call Baixada Fluminense is actually a representation of territorial power.

**Keywords:** Baixada Fluminense; hegemonic representation; trumps of territorial legitimacy.

### **Notas Iniciais – questões teóricas e metodológicas.**

Ao iniciar este artigo, gostaríamos, de antemão, de explicar a parte inicial do título -“Nós não temos nada a ver com a Baixada!”. Esse é um fragmento retirado da fala de um representante da prefeitura de Itaguaí<sup>2</sup>. Utilizamo-la para exemplificar as ambiguidades que cercam o movimento de inclusão ou exclusão territorial na Baixada Fluminense frente a sua imagem de adjetivos pejorativos.

Além de “Polissêmica” (ENNE, 2002), de “limites fluidos” (ALVES, 2003), com grande “notoriedade política” (BARRETO, 2006), e que expressa relações entre “sociedade e natureza” (SIMÕES, 2011). Percebemos que esse adjetivo insinua que a Baixada Fluminense não corresponde apenas a um domínio natural, mas a uma construção social, qualificada, tensionada e que se manifesta espacialmente.

Se o espaço é social (DI MEO, 2001; MASSEY, 2008), nele está contido um intenso jogo de poder (RAFFESTIN, 1993), onde prevalecem dimensões materiais e simbólicas (BOUERDIEU, 2007; DE CERTEAU, 2009) que permitem olhar para além das aparências. Aponta-se então a necessidade de perceber as nuances de uma “naturalização” das dimensões sociais contidas em suas representações (LEFEBVRE, 2006).

De forma geral, a representação pode ser entendida como uma forma de conhecimento do mundo e das coisas que ele compõe (BAILLY, 1995). Essas formas de conhecimento são expressas através de diferentes modos. Seja pela linguagem, seja pelas imagens mentais, ou mesmo pelas formas materiais que qualificam a relação entre o sujeito e objeto. Ao mesmo tempo em que elas carregam significado são significantes (HALL, 2007) e permitem o olhar sobre o que agentes e atores sociais dizem ou querem dizer (ROCHA, 2011).

---

<sup>2</sup> Optamos em manter sigilo sobre as pessoas das falas citadas, no intuito de evitar sua exposição. E desde já agradecemos àqueles que cooperaram com as entrevistas concedidas para realização desta pesquisa.

Neste trabalho, apresentaremos resultados e apontamentos de nossa pesquisa<sup>3</sup>, de onde partimos do suposto metodológico através do qual processos materiais, imagens, projetos, representações e discursos reportam-se ao que se pode identificar como ferramentas de compreensão e explicação das realidades territoriais e suas emergências (VALCÁRCEL, 2000), e permitem entender ações de atores dos campos políticos e econômicos (VOLLE, 1995). Desse modo, nosso objetivo é mostrar como aquilo que chamamos de Baixada Fluminense teve sua representação hegemônica com adjetivos pejorativos construídos ao longo da segunda metade do século XX, e de que forma a apropriação desta ou sua negação cria um problema: a dificuldade de definir quais municípios fazem parte da baixada Fluminense.

É importante destacar que quando cunhamos a noção de **trunfo de legitimidade territorial** (ROCHA, 2009), destacamos que esses se constituíam como recursos nos quais agentes, sujeitos e atores possam dispor para acumular vantagens competitivas. Dentre esses trunfos, figuram recursos materiais, capital simbólico, legado geo-histórico, posição ou situação geográfica, dentre outros.

Esses trunfos de legitimidade que alimentam as representações produzidas<sup>4</sup> por prefeituras, que permitem se excluir ou inserir na Baixada, revelam uma dimensão de apropriação. Por isso, destacamos a necessidade de perceber o território e a representação como pares analíticos (RAFFESTIN, 2009; ROCHA, 2013).

Outrossim, a compreensão do território passa pelo entendimento das tessituras de poder que o compõem (RAFFESTIN, 1993); pode ser entendido como “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUSA, 1995, p. 78). A Baixada se expressa como um território quando diferentes grupos rivalizam os seus sentidos<sup>5</sup>. Sentidos, que indicam a imagem desejada de um território.

---

<sup>3</sup> Destacamos que os dados e informações presentes foram coletados durante a realização de nossa dissertação de mestrado na Universidade Federal Fluminense (2009) e na fase de conclusão no Doutorado Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010-2013), na qual novas informações foram incorporadas, dando solidez aos argumentos aqui expostos.

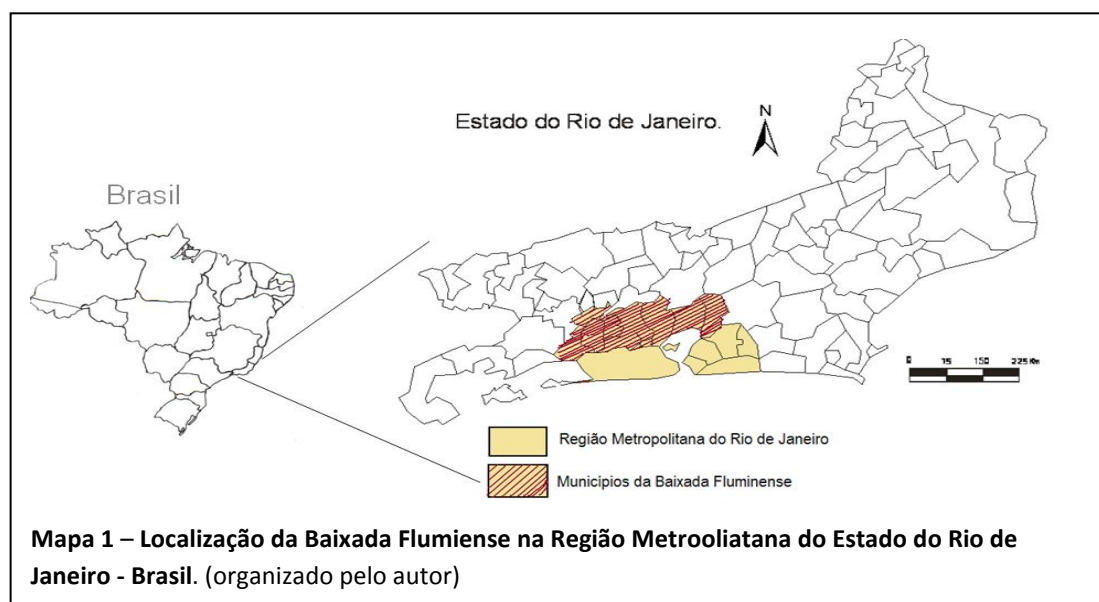
<sup>4</sup> Rogério Haesbaert (2004) ainda complementa essa análise, afirmando que a capacidade de gerir esses trunfos de poder estaria diretamente associada aos meios que esses grupos sociais possuem em canalizar suas forças e informações, codificando, inclusive, a materialidade e a imaterialidade, a ação e o campo simbólico.

<sup>5</sup> Em nossa tese de Doutorado, apontamos que, após os anos de 1990, a emergência de novos significados para a Baixada atrela noções de progresso e desenvolvimento. Tanto no Campo Econômico (com a FIRJAN e Promotores Imobiliários) quanto no campo Político (com a Associação de Prefeitos da Baixada/CISBAF e o Governo do Estado) surge uma rivalização sobre o sentido desta área, o que coloca

Logo, a história desse território, que é urbano, não pode deixar de ser considerada na construção de sua imagem, dita hegemônica. Por isso, foi fundamental o resgate de textos e teses sobre esta área para podermos apontar seus elementos constitutivos que perpassam pela própria construção de uma história conectada à expansão urbana do Rio de Janeiro.

### Elementos para pensar a construção da representação Hegemônica da Baixada.

A Baixada Fluminense se constitui hoje como parte integrante da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, Brasil (Ver mapa 1). O debate acerca de seus limites e imprecisão dos municípios que a compõem está presente em quase todas as teses e dissertações que tratam de temas específicos ou gerais sobre a Baixada<sup>6</sup>.



A principal controvérsia reside na nomenclatura Baixada Fluminense, que ao abarcar, num primeiro momento o sentido geomorfológico, de áreas limítrofes ao mar, indicaria, supostamente, a inclusão de mais municípios para além daqueles 13 destacados no mapa<sup>7</sup>.

para o sentido uma forma de uso e apropriação desta área, compondo-a com a representação ideal de um território (ROCHA, 2013).

<sup>6</sup> Sobre este assunto, sugerimos ver as teses de doutorado de José Cláudio Alves (1998), Ana Lúcia Enne (2002), Alessandra Siqueira Barreto (2006), Manoel Ricardo Simões (2006), e a dissertação de mestrado de André Rocha (2009) e os livros de Simões (2012) e Rafael Oliveira (2004).

<sup>7</sup> A referência aos treze municípios da Baixada Fluminense que estão presentes no mapa expressa aqueles que hoje são aceitos pela Subsecretaria da Baixada Fluminense (Governo Estadual) e da Associação de Prefeitos da Baixada. A saber: Nova Iguaçu, Queimados, Japeri, Paracambi, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias, Magé, Guapimirim, Itaguaí e Seropédica. Ainda é importante destacar que entendemos como Baixada Fluminense os municípios localizados na

É oportuno destacar que já indicamos em nossa dissertação de mestrado que os problemas relativos à ambivalência posta em sua composição territorial estariam associados ao estatuto de legitimidade de sua representação, o que produziria uma verdadeira geopolítica da inclusão-exclusão<sup>8</sup> (LIMA; ROCHA, 2010), que estabelece a crise “identitária” ou de pertencimento de alguns municípios a esta dita “região”.

Destarte, a representação hegemônica, comumente aceita, que relaciona a Baixada à condição de periferia, miséria e violência social. Esta serviria como pivô deste impasse, além de legitimar o *status quo* no cenário político regional, que alimenta dialeticamente outras demandas recentes no campo econômico. Essa Representação Hegemônica se consolidou ao longo da segunda metade do século XX, fruto de elementos oriundos da conjugação da produção territorial da metrópole, na qual essa baixada está inclusa; e das práticas políticas dos grupos sociais em âmbito local (municípios) e regional (Estado).

Como primeiro elemento desta conjugação, podemos mencionar a incorporação desta área à lógica urbana na condição de periferia. Segundo Segada Soares (1962), essa incorporação é associada à expansão de vias de transporte, em especial, as ferrovias e rodovias que acabaram por induzir a expansão urbana em direção à porção oeste do recôncavo da Guanabara. Entretanto, Simões (2007) sinaliza que o tecido urbano nesta área não decorre apenas da fixação destas vias de circulação, mas também de uma ocupação embrionária, vinculada às concentrações populacionais em torno das atividades econômicas locais.

Ainda sobre este elemento, Maurício de Abreu (2006) destaca que, por conta de modificações no uso do solo na cidade do Rio de Janeiro, sua periferia direta acabaria por sofrer alterações que forçariam a ocupação territorial desta área para habitação popular e, após os anos de 1950, de uma “nova” atividade fabril. Ainda, decorrentes do declínio das atividades agrícolas, entre 1930-1950, esta área passaria a ser incorporada ao urbano fluminense por intermédio dos loteamentos. Sobre este

---

porção central e oeste da Baía de Guanabara, que foram incorporados pela célula urbana do Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> Essa geopolítica da inclusão-exclusão se expressaria pela entrada e saída de municípios na composição da Baixada, na medida em que o sentido de sua representação pudesse beneficiar ou prejudicar os interesses políticos do mesmo.

assunto, Pedro Pinchas Geiger e Ruth Santos (1954) destacam que esses loteamentos foram “símbolos” da mudança para uma paisagem urbana na Baixada Fluminense.

O segundo elemento é fruto daquilo que chamamos de “desestruturação urbana”. Utilizamos este termo para mencionar o passo que fomentou a incorporação destas áreas na condição de periferia. Essa noção se consolidou no imaginário do urbano fluminense, repercutindo, inclusive, nas literaturas acadêmicas de geógrafos que trabalham a temática do urbano no Brasil. Para exemplificar, usamos as palavras de Roberto Lobato Corrêa (2001, pp. 160-161), quando descreve algumas características gerais da periferia da metrópole, e acaba usando o substantivo “Baixada” como sinônimo de periferia:

A periferia da metrópole é o lugar de existência e reprodução de parcela ponderável das camadas populares. No caso da metrópole carioca, esta periferia é conhecida, sobretudo como a Baixada Fluminense (...) residir nela impõe horas e horas perdidas no trânsito em transportes públicos sempre cheios e mal conservados (...) A periferia é o resultado da justaposição de numerosos loteamentos, que acabam formando um mosaico irregular, cujo conteúdo em termos de equipamentos de consumo coletivo é extremamente precário(...) transparece nas ruas sem calçamento, na precária iluminação e na inexistência de redes de escoamento de águas pluviais e de esgoto. A precariedade ou falta de postos de saúde, hospitais, escolas, policiamento e praças arborizadas é regra geral(...)(Grifo nosso)

Para esta área, que se constitui como fruto da expansão urbana do Rio de Janeiro, são postos como características: [a] a “ausência” de infraestrutura e equipamentos urbanos, o que destituiu grande parte do território da seguridade plena dos direitos no urbano; e [b] o espaço de reprodução de camadas populares - pautado na divisão territorial do trabalho, esta área serviria de habitação para a maior parte da mão de obra que trabalharia na metrópole fluminense.

Neste quesito, as representações sobre falta de infraestrutura urbana associada às enchentes e a escassez de recursos se multiplicaram em jornais e revistas de

circulação no âmbito do estado do Rio de Janeiro e do Brasil. A marca de região empobrecida, percebida pelo forte movimento pendular de seus habitantes, em especial daqueles imigrantes nordestinos, soma-se à representação desta área. Para alguns historiadores, a Baixada adquiriria uma condição: periferia da periferia (SANTOS, 2002), tendo em vista a precariedade da “desestruturação urbana” que se mostrava diferente do próprio subúrbio carioca.

O terceiro e último elemento consiste na prática de reprodução do poder local. Para José Cláudio Alves (2003), essa se tornou evidente através da violência. Violência que não deve ser interpretada apenas como as execuções sumárias, mas como o terror simbólico e coercitivo que “determinados grupos” desempenhavam na localidade. Violência velada, que acompanhou durante muito tempo a vida política da Baixada (BARRETO, 2009).

Tal perspectiva, que possui, então, uma dimensão histórica, obteve tanta evidência que um de seus municípios, Belford Roxo, esteve entre as cidades mais violentas do mundo durante os anos 1980. Ana Lúcia Enne (2002) destaca que a generalização desta imagem foi comum nos noticiários que tratavam sobre a Baixada como “*espectro da violência*”. Alguns títulos de reportagens de jornais revelam isto: “*Baixada, debate da criminalidade*”<sup>9</sup>, “*Baixada, em 6 meses: 198 homicídios, 136 misteriosos*”<sup>10</sup>, “*Baixada tenta mudar a imagem violenta*”<sup>11</sup>, “*Comissão de Justiça e Paz pede a ministro medidas contra crime na Baixada*”<sup>12</sup>, “*Os mitos da Baixada Fluminense*”<sup>13</sup>, os quais reforçam o imaginário da violência. Em um caso, no ano de 2005, ocorreu na Baixada Fluminense mais um cenário desta violência, uma chacina que obteve uma repercussão internacional<sup>14</sup>, o que solidificou mais ainda esse tipo de representação.

A conjugação destes elementos culminou na construção de uma “Baixada Fluminense” distinta daquela que originou seu nome. Hoje, associada a uma representação hegemônica de pobreza urbana, miséria, violência social, é comumente personificada e reificada em discursos políticos cuja sua menção permite um

---

<sup>9</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14/04/1980

<sup>10</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 18/06/1975

<sup>11</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 03/09/1984

<sup>12</sup> Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 31/03/1978

<sup>13</sup> Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 21/04/1979

<sup>14</sup> “Caderno especial sobre a chacina na Baixada Fluminense”, Jornal EXTRA, 02/04/2005.

(re)arranjo de poder. Entendemos que esta Baixada se constitui como uma representação territorial de poder (ROCHA, 2011), lócus de uma geografia política, onde práticas e representações permitem a apropriação deste território no urbano metropolitano fluminense e que criam um problema territorial sobre o uso ou negação desta representação hegemônica.

### **O núcleo espacial da representação hegemônica da Baixada.**

É importante destacar que diante dessa representação hegemônica alguns municípios buscam construir outra imagem para si, apoiando-se em bases históricas, ideológicas e territoriais. Todavia, há municípios cuja imagem e representação estão diretamente atreladas às noções descritas anteriormente, constituindo aquilo que chamamos de “núcleo espacial da representação hegemônica da Baixada”.

Essa ideia de núcleo central é apresentada por Celso Pereira de Sá (2002), quando aponta que entender as representações sociais (MOSCOVICI, 2001) passaria pelo mapeamento das características comuns de uma representação que é amplamente difundida. Ao fazer uma releitura para um horizonte espacial, percebemos que há municípios comuns em todas às representações de Baixada.

Assim, apresentamos os quadros 1 e 2<sup>15</sup>, onde foram mapeadas representações, sobre a Baixada, de atores que têm essa área como parte de seus projetos e intervenções. Assim, indicamos como o núcleo central desta representação hegemônica aqueles municípios que têm sua história territorial associada às antigas Vilas de Estrela e Iguassu: Magé, Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Belford Roxo, Mesquita, São João de Meriti, Japerí, Queimados e Nilópolis<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Os quadros comparativos indicados estão divididos em dois grupos: aqueles que estão “dentro” e os que estão “fora” da região da Baixada Fluminense. Foram elaborados a partir de mapas, figuras, discursos, projeções numéricas, textos acadêmicos divulgados por parte de alguns atores. Isto foi feito com base na análise de representação proposta por Antoni Bailly, que destaca a existência de um caminho metodológico para pensar o conflito representacional, isto no que se refere às representações espaciais. Ao mencionar a pesquisa de J. Pailhous, afirma que no âmbito das pesquisas de representações existem dois caminhos para entender a construção das representações sobre o espaço, tomando uma referência “*égocentre*” e outra “*anégocentre*” (BAILLY, 1995, p. 372). Em planos de análise, a primeira consistiria numa representação de “dentro para fora”, feita pela relação do próprio sujeito ao espaço; a segunda seria uma representação de “fora para dentro”, na qual as representações se constroem por outros sujeitos, viabilizando, assim, uma espécie de choque de representações do espaço, fundamentada numa dicotomia “*l’intériorité-extériorité*” (interioridade-exterioridade).

<sup>16</sup> Outro fator que pode ser apontado para a definição de um núcleo espacial de representação hegemônica é a proximidade do número de municípios da composição oriunda dos municípios de Nova Iguaçu mais o município de Magé, com a proposta da antiga FUNDREM (Fundação para o



**Quadro 1 - Síntese do Mapeamento de Representações Territoriais sobre a Baixada Fluminense - Grupo 1 (Os de Fora)**

| Quem Fala                    | Como representa  | Sentido que Fala  | Unidades territoriais envolvidas(municípios)   |
|------------------------------|--|---|--|
| Governo Estadual             | Programas de planejamento urbano - NOVA BAIXADA E BAIXADA VIVA                           | Reestruturação dos problemas sociais urbanos  | Nova Iguaçu, Belford Roxo, Duque de Caxias, São João de Meriti , Mesquita.   |
|                              | Secretaria da Baixada Fluminense (antigo SEEBREM)  | Pensar o desenvolvimento sócio-territorial da área.   | Nova Iguaçu, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias, Japeri, Queimados, Seropédica, Paracambi, Magé, Guapimirim e Itaguaí.   |
| FIRJAN                       | Unidade territorial de análise da produção industrial dividindo a Baixada em dois grupos | Local de crescimento econômico e de investimentos   | <b>Baixada 1</b> -Mangaratiba, Itaguaí, Nova Iguaçu, Seropédica, Queimados, Mesquita, Nilópolis, Paracambi, Japeri;<br><b>Baixada 2</b> - Duque de Caxias, Paty de Alferes, Miguel Pereira, Belford Roxo, São João de Meriti, Magé e Guapimirim. |
| Jornais de Grande circulação | Em noticiários ou com cadernos específicos sobre a área                                  | Antes de 2000 - Associado à violência e ao descaso social   | Sem uma definição territorial clara - dimensão dos fenômenos tratados: violência, chacinas e problemas sociais diversos.   |
|                              |  | *Pós-anos de 2000 - enfocando os traços culturais e artísticos da área e seu respectivo desenvolvimento econômico.<br>*Permanência de associações à representação hegemônica da Baixada | Composição territorial estabelecida pelo SEEBREM   |

Fonte: ROCHA(2009)

O quadro 1 corresponde ao grupo “os de fora”. Foram selecionados três promotores de representações: **o Governo do Estado do Rio de Janeiro** – que representa a “Baixada” de duas formas distintas, uma associada à figura de uma secretaria de governo específica e outra nos projetos de planejamento urbano e

Desenvolvimento da Região Metropolitana). Esse órgão usava critérios como o grau de urbanização e a densidade populacional associada à Baixada Fluminense, o que se denominou de UUIO (Unidades Urbanas Integradas do Oeste), que, em síntese, expressa as porções espaciais de expansão da mancha urbana da metrópole carioca, que caminharam em direção a porção oeste do recôncavo da Guanabara.

regional que visa a resolução de problemas nessa área; **a FIRJAN** – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, instituição responsável por criar diagnósticos e planejar ações relativas à atividade industrial no âmbito estadual e que tem delineado ações do crescimento da atividade industrial no estado do Rio de Janeiro, diagnosticadas através de unidades regionais, estando a Baixada no eixo de maior crescimento industrial do estado; **jornais de grande circulação** - esse se relaciona aos meios de comunicação que difundem representações sobre diferentes áreas, destacadamente aqui para o recorte “Baixada Fluminense”. Foram analisados o jornal O Globo e o jornal O Dia, uma vez que destinam cadernos especiais sobre a Baixada.

**Quadro 2 - Síntese do Mapeamento de Representações Territoriais sobre a Baixada Fluminense - Grupo 2 (Os de Dentro)**

| Quem Fala   | Como Representa  | Sentido em que Fala  | Unidades Territoriais Envolvidas (municípios)  |
|---|--|--|--|
| Governos municipais/<br>Associação dos Prefeitos da Baixada | Composição política de representação - associação é feita por afinidade política do prefeito | Municípios que integrem a "região política" - reivindicação dos interesses da composição regional/territorial  | <b>Total de 13 municípios:</b><br>Itaguaí, Seropédica, Paracambi, Japeri, Queimados, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Nilópolis, Mesquita, Duque de Caxias, São João de Meriti, Magé e Guapimirim.                                 |
| Associações de cunho acadêmico-científico                   | IPAHB- Representação Acadêmica - eventos culturais e realização de eventos científicos       | Concepção memorialista da História Regional - enfatizando os acontecimentos históricos que evidenciam a importância da Baixada Fluminense na história. Possui uma grande aproximação com os líderes políticos locais.  | <b>Total de 14 municípios -</b><br>Mangaratiba, Itaguaí, Seropédica, Paracambi, Japeri, Queimados, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Nilópolis, Mesquita, Duque de Caxias, São João de Meriti, Magé e Guapimirim.                   |
|   | APPH-CLIO- Representação Acadêmica - eventos culturais e realização de eventos científicos   | Evidenciam uma história regional pautada no desenvolvimento desigual no interior da metrópole, abarcando os municípios desmembrados de Nova Iguaçu e do extinto município de Estrela. Buscam um posicionamento crítico frente às realidades que marcam a representação hegemônica da Baixada - relativa à violência, descaso social, deficiência de estruturas básicas para a população etc. | <b>Total de 10 municípios:</b><br>Nova Iguaçu, Mesquita, São João de Meriti, Nilópolis, Queimados, Japeri, Belford Roxo, Duque de Caxias, Magé e Guapimirim.   |
| Sujeitos:   | Representação Acadêmica - reflexões teóricas   | <b>José Cláudio Alvez</b> - Toma a violência como elo integrador da composição territorial da Baixada.   | Composição territorial definida a partir de um novo fato de violência  |
|   |  | <b>Manoel Ricardo Simões</b> - Concebe a Baixada a partir da história territorial (emancipações) sendo todos os municípios que se originaram de Nova Iguaçu e parte do extinto município de Estrela.   | Total de 8 municípios: Nova Iguaçu, Queimados, Japeri, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias.   |
|   |  | <b>Gênesis Torres</b> - Concebe a Baixada Fluminense como o recôncavo da Guanabara.  | Total de 14 municípios (igual a proposta do IPAHB): Mangaratiba, Itaguaí, Seropédica, Japeri, Paracambi, Queimados, Nova Iguaçu, Mesquita, Belford Roxo, Nilópolis, Duque de Caxias, São João de Meriti, Magé e Guapimirim . |

Fonte: Rocha (2009)

O quadro 2 faz referência ao grupo “os de dentro”. Nesse grupo selecionamos as representações mais significativas, em termos de *difusão e dimensões políticas que envolvem*. Assim, destacamos nesse grupo, “os de dentro”: a) **Os governos municipais que fazem parte da Associação de prefeitos da Baixada Fluminense** – esse se define por uma afinidade política que toma o discurso do território como suporte de suas reivindicações; b) **Associações de cunho acadêmico-científicas** – selecionamos dois grupos que, embora pesquisem sobre a história da Baixada Fluminense, possuem perspectivas de abordagens bem diferenciadas sobre a Baixada. São elas o IPAHB e a APPH-CLIO; c) **Sujeitos** – destacamos apenas três perspectivas sobre pensamentos de intelectuais oriundos da Baixada Fluminense que se debruçaram, de certa forma, na tentativa de uma conceituação de uma Baixada Fluminense: Manoel Simões, Gênesis Torres e José Cláudio Alves. É importante lembrar que os dois últimos sujeitos selecionados possuem, respectivamente, ligações fortíssimas com as duas associações selecionadas, IPAHB e APPH-CLIO, por isso, muito de suas ideias, concepções teóricas e reflexões sobre a estrutura político-territorial da Baixada apresenta similaridades com as propostas dos referidos grupos acadêmicos.

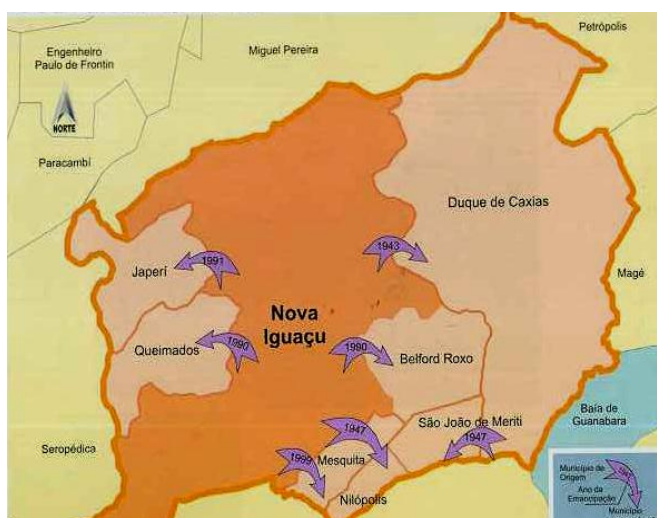
Pensar um núcleo espacial central da representação hegemônica da Baixada é possível através de uma correlação entre as representações sobre a composição territorial presentes nos quadros 1 e 2. Em todas as representações sobre a Baixada, aparecem aqueles municípios ligados à história da Vila de Iguassú e do antigo município de Estrela.

Sobre esta correlação podemos destacar que há uma justaposição/assimilação de representações na construção de um legado territorial à ideia proferida pela **grande mídia (inserido no grupo 1 - os de fora)**, associada ao pensamento aqui exposto de uma história territorial, versada por alguns sujeitos oriundos da própria Baixada, José Cláudio Alves, Manoel Ricardo Simões e Gênesis Torres (**inseridos no grupo 2- os de dentro**). É importante lembrar que a escolha destes três sujeitos e de seus pensamentos reside, também, no fato de os mesmos representarem parcial ou integralmente pensamentos de intelectuais/acadêmicos oriundos de universidades e centros de pesquisa localizados na Baixada Fluminense.

O pensamento deste três sujeitos versam sobre a perspectiva de uma história territorial, ou seja, de um legado de representação atribuído a esta área sobre as

práticas espaciais/políticas desenvolvidas ao longo século XX, que, embora demonstrem divergências na composição final da abrangência de uma Baixada Fluminense, contêm bifurcações em suas representações territoriais. Somados às representações da grande mídia, é possível traçar uma espécie de legado territorial à alguns municípios. No entanto, para melhor sustentar nosso argumento, torna-se necessário, ainda, revisitarmos as ideias destes três sujeitos.

Manoel Ricardo Simões (2007) propõe uma Baixada Fluminense a partir das emancipações, que demonstram, além das práticas e estratégias de oligarquias locais na legitimidade de um poder territorializado, uma estrutura histórica típica do próprio estado fluminense no histórico quesito da distribuição de terras. Para esse autor, a Baixada Fluminense seria formada por todos os municípios oriundos da antiga Vila de Iguassú, que se emanciparam após a segunda metade do século XX (ver figura 1). Seriam eles: São João de Meriti, Nilópolis, Duque de Caxias, Belford Roxo, Queimados, Japeri e Mesquita.



**Figura 1 – Mapas das emancipações em Nova Iguaçu.**

Fonte: Atlas Escolar da Cidade de Nova Iguaçu, 2004, p7.

A proposta de Manoel Ricardo Simões enfatiza, então, uma composição territorial com oito municípios. Nesta mesma perspectiva, José Cláudio Alves (1998), em sua tese de doutorado intitulada *“Baixada Fluminense: a violência na construção do poder”*, destina a essa temática o primeiro capítulo, cujo título é bastante provocativo: *Baixada Fluminense: limites, definições e interpretações*. Esse autor, muito ligado à APPH-CLIO/FEUDUC, demonstra as indefinições sobre a Baixada na perspectiva de uma

unidade, mas que, ao longo de sua tese, deixa clara a tendência de um legado de representação de Baixada associada aos municípios oriundos da antiga Vila de Iguassú, atual município de Nova Iguaçu, mas inclui também o município de Magé. Porém, o autor em foco é enfático ao afirmar que a Baixada está associada à ideia de violência, onde seus limites estariam à mercê de um novo fato de violência. Ou seja, sua composição territorial se desenharia, sobretudo, nas reportagens jornalísticas, a partir de um “novo” fato de violência que, então, provocaria uma “necessidade” de espacialização.

Essa espacialidade, para o autor, é a composição imprecisa da Baixada Fluminense. Neste caso, a violência seria o elo de integração na composição territorial. Essa ação acabou encontrando nos relatos da grande mídia o veículo principal de difusão dessa representação. Assim, Alves (1998, p. 10) ainda complementa:

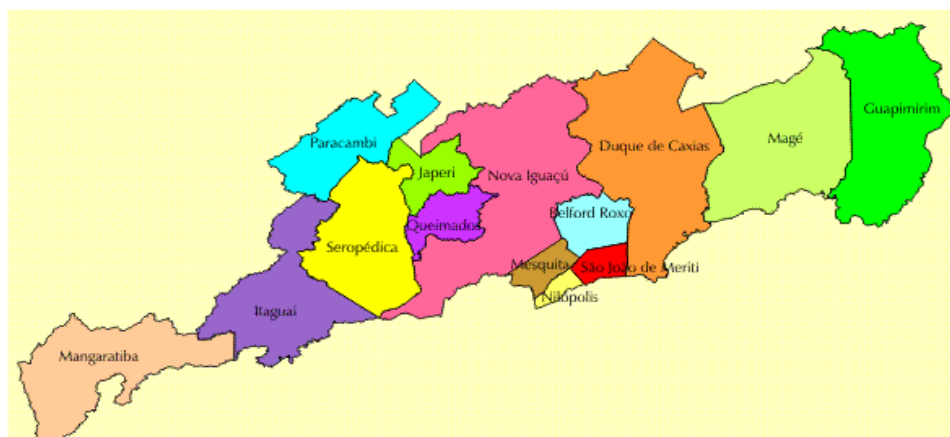
A definição da Baixada se dará tendo em vista a questão da violência. Nessa definição, entram os elevados índices de homicídios, matéria-prima a partir da qual se produziu a vinculação da região com a violência, sobretudo através dos meios de comunicação (...). Não seria difícil compreender, seguindo essa lógica, o que poderíamos chamar de *“baixadização”* de alguns bairros cariocas (...) *A violência, que serviu de referência na demarcação da fronteira entre o mundo civilizado e a barbárie, separando a cidade do Rio de Janeiro da Baixada Fluminense*, ao longo de duas décadas, foge agora dos seus limites espaciais (...) (*Grifo nosso*)

O que mais nos chama atenção, nesse trecho, é a ideia de “violência como fronteira”, que José Cláudio Alves utiliza pra distinguir a Baixada no âmbito do estado do Rio de Janeiro. Essa representação fora muito usada por políticos locais na construção de seus legados políticos, que se estenderam, inclusive, a seus familiares, como foi o caso estudado por Linderval Augusto Monteiro (2001) sobre Jorge Júlio da Costa Santos (o JOCA), ex-prefeito do município de Belford Roxo.

Esse exemplo traduz uma justaposição/assimilação entre as representações territoriais produzidas para o proveito de um poder político local, que, na visão de Alves (2003), se consolida através do poder da violência. O que importa, então, não é a

composição da Baixada, mas a consolidação de interesses particulares que em maior ou menor grau influenciam na composição desta área. No entanto, o exercício de tais práticas de legitimidade de poder está diretamente associado aos municípios oriundos de Nova Iguaçu mais o município de Magé.

Em outra proposta sobre uma definição de Baixada Fluminense, Gênesis Torres, já numa perspectiva histórica memorialista, enfatiza uma Baixada pautada na ideia de tabuleiro da Guanabara, onde aconteceram atos importantes da história do Brasil. Segundo Gênesis Torres (2004), esta Baixada também é possuidora de um patrimônio cultural importantíssimo e que deve ser mais bem explorado e conservado. A partir desta visão, que é também compartilhada por seu grupo intelectual do IPAHB, a Baixada Fluminense seria composta por 14 municípios. A saber: Mangaratiba, Itaguaí, Seropédica, Japeri, Paracambi, Queimados, Nova Iguaçu, Mesquita, Belford Roxo, Nilópolis, Duque de Caxias, São João de Meriti, Magé e Guapimirim (*ver figura 2*).



**Figura 2 – Representação da composição territorial da Baixada Fluminense pelo IPAHB.** Fonte: Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense. Disponível em [www.ipahb.com.br](http://www.ipahb.com.br) Data do acesso: 26/05/2007.

Esta representação da composição territorial da Baixada Fluminense se insere com informações discrepantes dos outros sujeitos citados. A saber, pela inclusão dos municípios de Mangaratiba, Paracambi, Itaguaí, Seropédica e Guapimirim. É importante lembrar que sobre este último município, muitos pesquisadores ligados a APPH-CLIO/FEUDUC consideram a possibilidade de inserção na Baixada.

Contudo apresentaremos, a seguir, porque essa “ambivalência” em ser ou não ser Baixada se constitui como um problema e destaca as estratégias destes últimos

municípios citados numa grande “dança” onde se projeta uma geopolítica da inclusão-exclusão.

### **A “dança” dos municípios e os “trunfos de legitimidade” numa geopolítica da inclusão-exclusão.**

Retomando a ideia apresentada no início deste artigo, lembramos que utilizar a análise das representações poderia subsidiar o entendimento de porque há uma questão, quase “filosófica”, em torno de ser ou não ser parte da Baixada Fluminense. Essa estaria atrelada à consolidação de uma representação hegemônica que inviabilizaria os projetos de desenvolvimento das atividades econômicas que estivessem calçados na construção de sua imagem de alguns municípios.

A partir de entrevistas e análise de representações difundidas pelas gestões municipais<sup>17</sup>, constatamos uma **geopolítica da inclusão-exclusão** como estratégia de alguns governos municipais para se beneficiar da imagem que predomina sobre determinada região. Assim, fazendo uso de trunfos de legitimidades territoriais, essa gestão municipal poderia se incluir na Baixada ou em outra região.

A representação hegemônica da Baixada marca-se sobre os municípios oriundos do município de Nova Iguaçu e o município de Magé. No entanto, quatro outros municípios satelizam a **“Representação Hegemônica da Baixada”**, e possuem trunfos de legitimidades que possibilitam se inserir na Baixada ou em outras áreas, tais como: (A) Seropédica – movimento de inclusão na Baixada; (B) Guapimirim – se inserindo na Serra Verde Imperial; (C) Paracambi – buscando inserção na Região do Vale do Café; e (D) Itaguaí – que busca se afirmar com a cidade do porto, porém buscando nexos com a região turística da Costa Verde.

É importante salientar um item comum em três últimos municípios mencionados, que se associam a outras áreas devido à promoção turística. Já que estamos trabalhando com representações, é importante lembrar que a prática do

---

<sup>17</sup> As pesquisas e entrevistas foram realizadas entre 2008 e 2012, as informações e falas foram coletadas diretamente com o quadro pessoal das secretarias de desenvolvimento, cultura e turismo das prefeituras. Iremos suprimir aqui os nomes dos entrevistados, mês e período de realização da entrevista, a fim de evitar qualquer constrangimento ou retaliação que as falas possam causar aos funcionários e gestores das diferentes prefeituras.

turismo traduz, sobretudo, a venda de imagens dos lugares, ou seja, de suas representações e seus sentidos. É por isso que grande parte das secretarias de turismo e cultura destes municípios utiliza-se da autoexclusão na composição da Baixada para a inserção em uma “região” mais propícia ao desenvolvimento de suas respectivas atividades.

Neste sentido, destacamos alguns trechos onde representantes da gestão dos municípios acabam negando a participação na baixada recorrendo a inúmeros trunfos territoriais, que incluem deste a localização, aspectos físicos dos lugares a planos históricos:

*Paracambi já estava inserida na região do Vale do Café. E foi reconhecida, como realmente, uma cidade que tinha mais a ver com a região do Vale do Café do que geograficamente com a Baixada Fluminense*<sup>18</sup>. *(Grifo nosso)*.

Não..eu não percebo não. Nós não temos nada a ver com a Baixada! Porque Itaguaí...olha só: Itaguaí só entra na Baixada Fluminense quando é pejorativamente, porque nos incentivos que o governo federal dá pra Baixada Fluminense não bota Itaguaí. Itaguaí não entra, aí não é Baixada! Aí ele é Costa Verde....Aí quando é na estatística de crimes, de doenças, de problemas ... aí Itaguaí entra como Baixada.... só é Baixada pejorativamente (grifo nosso)<sup>19</sup>

O município de Guapimirim está situado no estado do Rio de Janeiro, fazendo parte da Região Serrana. A cidade está localizada num vale formado pela base do Dedo de Deus, a 48m de altitude (IBGE-1996), distante 84 km (DER-1997) da capital do estado. Seguir pela Linha Vermelha até a saída para a Rod. Washington Luís, ou Rio-Juiz de Fora (BR-040). Entrar à direita na Rod. Rio-Teresópolis (BR-116) e seguir até o centro do município de Guapimirim.*(grifo nosso)*<sup>20</sup>

<sup>18</sup> Informação coletada em Entrevista na secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Paracambi.

<sup>19</sup> Informação coletada na secretaria de desenvolvimento da Itaguaí.

<sup>20</sup> [www.guapimirim.rj.gov.br](http://www.guapimirim.rj.gov.br). Data de acesso: 15 de janeiro de 2009.



Destarte, diferentes elementos tratados destacam que seus respectivos municípios não fazem parte da Baixada, entretanto esses mesmo municípios participam de foros de debate e planejamento no âmbito da Baixada Política, onde buscam benefícios da participação de uma gestão conjunta. Asseveramos aqui que a representação hegemônica se torna trunfo neste caso, que serve para pleitear ações a favor do desenvolvimento urbano regional<sup>21</sup>.

É importante sublinhar a questão específica de Seropédica, que desprovida de trunfos de legitimidade para inserção em outras regiões, constrói sua retórica territorial em torno da Baixada. Isso acontece não apenas pela proximidade “geográfica”, mas por conta do resultado das práticas dos outros municípios.

Na fala dos representantes da gestão cultural em Seropédica, percebemos que este é “um pedaço que sobra” na geopolítica da inclusão-exclusão de territórios. Pertencer à Baixada é quase uma necessidade política, mesmo que seja pra desconstruir a imagem “pejorativa da Baixada”. O caminho para essa menção é “construir uma outra história”, já que a história de Seropédica foi associada a “*lugar de desova*”<sup>22</sup>. Nesse sentido, percebemos que a representação hegemônica de Baixada serve como elo para a integração de Seropédica numa espacialidade política, em que a composição territorial da Baixada seja reflexo de uma prática de cooperação. Mesmo que remeta a uma espécie de “invenção das tradições” da qual nos fala Eric Hobsbawm e Terence Ranger<sup>23</sup>.

Em síntese, os exemplos apresentados não são quesitos permanentes, porém são indicativos dos problemas da indefinição de o que é ou não é Baixada. As informações apontadas nos permitem projetar um mapa que expressa essa

---

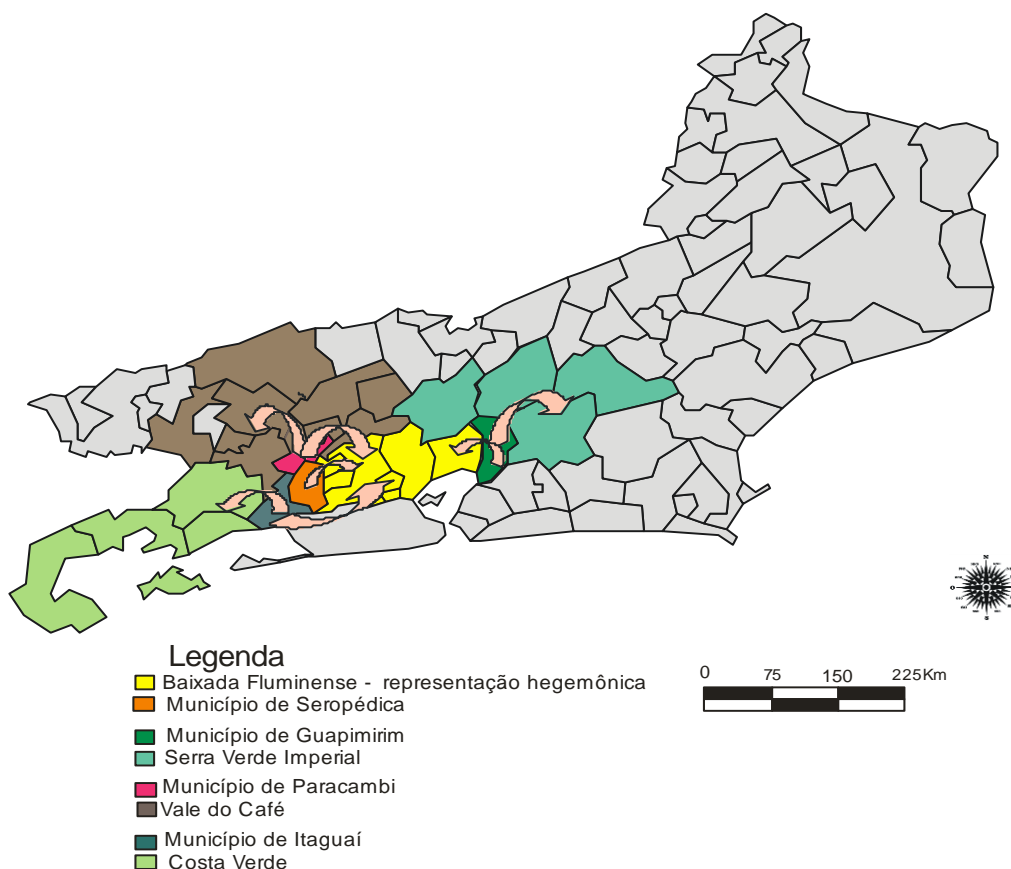
<sup>21</sup> Destacamos isso pautado no fato das quatro prefeituras fazerem parte da Associação de Prefeitos da Baixada e participarem de foros proposto pela FIRJAN em 2011, 2012 e 2013, onde se discutiu o desenvolvimento da região apontando a necessidade de ação conjunta e cooperativa.

<sup>22</sup> O conjunto das falas em destaque neste parágrafo foi extraído de uma entrevista realizada junto à Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes de Seropédica, referente à associação de Seropédica à História da Baixada Fluminense.

Ibidem.

<sup>23</sup> Sobre Invenção das Tradições, entendemos como “o conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM & RANGER, 2008, p. 9)

ambivalência presente na composição territorial da Baixada Fluminense, destacando os municípios envolvidos nessa geopolítica da inclusão-exclusão (mapa 2).



**Mapa 2 - Baixada Fluminense: geopolítica da inclusão-exclusão.** Organizado por André S. Rocha (2009).

Pensar a construção da representação hegemônica da Baixada Fluminense, em associação ao que se perde na inclusão ou exclusão de municípios no âmbito dessa composição territorial, contribui para interpretarmos a existência de diferentes representações territoriais sobre a Baixada. Essas representações têm sua base de reprodução nos interesses dos diferentes grupos. Perceber e entender essa área se constitui para além de uma materialidade geomorfológica.

### **Considerações Finais – nem tão longe nem tão perto da Baixada.**

Em uma análise conclusiva, podemos apresentar duas posições distintas destas estratégias de ser ou não ser da Baixada, a saber: [1] exclusão - daqueles em que a representação hegemônica de Baixada Fluminense refere os objetivos principais da

atividade econômica do turismo local, ou mesmo prejudica a “imagem” de desenvolvimento regional da unidade administrativa; e [II]- Inclusão – pela necessidade de inserção por falta de opção de um “elo” com outras composições ou mesmo a possibilidade de vantagens que a representação hegemônica da Baixada Fluminense pode oferecer.

Pensar essa via de mão dupla – Geopolítica da Inclusão-exclusão, revela as ambiguidades das estratégias destes diferentes municípios. A fala de um dos representantes da secretaria de desenvolvimento urbano de Guapimirim indica essa contradição:

“A proximidade pra gente da Baixada cria um vínculo muito maior, quando você chega a Brasília ou mesmo lá no próprio governo do Estado e tal, buscar investimentos... é muito mais interessante pro governo do Estado investir na área metropolitana, entendeu?! Do que investir na Região Serrana que é mais longe...é “legal” investir nas cidades que estão próximas, no entorno,....será que é mais vantagens pro governo investir em Guapimirim ou Porciúncula?.. é por isso que é interessante político administrativamente estar na Baixada” (grifo nosso)

Desse modo, nem tão perto e nem tão longe da imagem da Baixada esses municípios podem estar. Se de um lado Paracambi, Itaguaí e Guapimirim se excluem da Baixada para fomentar as práticas de turismo, de outro Seropédica e mesmo os outros três citados percebem a necessidade de fazer parte composição territorial da Baixada Fluminense para se beneficiar das políticas de infraestrutura urbana.

O trunfo de legitimidade territorial aparece como um ponto a ser pensado, que exemplifica, inclusive, como os discursos acadêmicos legitimam práticas políticas.

A representação hegemônica da Baixada Fluminense persiste e se estabelece com força para o campo político. “Polissêmica” foi a forma que Ana Enne (2002) apresentou as múltiplas faces do discurso sobre a Baixada. Imaginar, representar e conceber a Baixada é uma forma de exercer uma política espacial que não é naturalizada na forma, mas num contexto dialógico entre o território e sua

representação. Isto nos permite usar o “trunfo de legitimidade territorial” para entender essa área e as imprecisões de seus limites e, porque não, os seus muitos sentidos.

### Referências Bibliográficas

ABREU, M. A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

ALVES, José Cláudio. *Baixada Fluminense: a violência na construção do Poder*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia/USP (Tese de Doutorado), 1998.

\_\_\_\_\_. *Dos barões ao Extermínio: uma história de violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias: APPH CLIO, 2003.

BAILLY, Antoine. Les représentations en géographie. In: BAILLY, A. *et al.* (dir.) *Encyclopédie de géographie*. Paris: Economica, 1995.

BAILLY, A. Géographie régionale et representations. In: BAYLLI; A. *et al.* (org's). *Géographie régionale et representations*. Paris: Anthropos, 1995(b) (p25-34)

BARRETO, Alessandra Siqueira. Nas margens da política: trajetória, narrativa e mediação na Baixada Fluminense (RJ/Brasil). *Cadernos de Pesquisa CDHIS* (UFU). Ano 22, n. 40, pp. 17-32, 1ª sem. 2009.

\_\_\_\_\_. *Cartografia Política: as faces e fases da política na Baixada Fluminense*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ (Tese de Doutorado), 2006

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CORREA, Roberto Lobato. *Trajetórias Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

ENNE, Ana Lúcia Silva. *“Lugar, meu amigo, é minha Baixada”: Memória, representações sociais e identidades*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ (Tese de Doutorado), 2002.

DI MÉO, Guy. *Geographie Sociale et territoires*. Paris: Nathan, 2001

GEIGER, Pedro. & SANTOS, Ruth L. “Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada Fluminense”. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XVI, n.º 03, julho-setembro de 1954. pp. 291-313.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da des-territorialização: do “fim dos territórios à multiterritorialidade”*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. *Representation. Cultural representation and signifying practices*. London: Sage Publication, 1997.

HOBBSAWM, Eric; RANGE, Terence. *A invenção das tradições*. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *La Presencia y la Ausencia. Contribución a la teoría de las representaciones*. México: FCE, 2006.

MASSEY, D. *Pelo espaço. Uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações Sociais. In: JODELET, D. (org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001

MONTEIRO, Linderval Augusto. *Baixada Fluminense, identidades e transformações: Estudo de relações políticas na Baixada Fluminense*. Programa de Pós-graduação em História Social/UFRJ (Dissertação de Mestrado), 2001.

LIMA, I. G; ROCHA, A. S. Expressão Geopolítica da Baixada Fluminense: os trunfos de legitimidade territorial em jogo. In: *Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças*. AGB: Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. *Baixada Fluminense: Novos estudos e desafios*. Rio de Janeiro: Paradigma, 2004.

RAFFESTIN, C. Uma concepção de território, territorialidade e paisagem. In: PEREIRA, S. P.; COSTA, B. P.; SOUZA, E. B. C. (orgs.). *Teoria e práticas territoriais: análises espaço-temporais*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. pp. 13-23

RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, Marcos Aurélio & SPOSITO, Eliseu Savério. *Territórios e territorialidades- Teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão popular, 2009. pp. 17-35

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, A. S. Geografia Política das Representações - projetos e jogos de poder na apropriação da Baixada Fluminense. In: *14º Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2013, LIMA/PERU. CD-ROM -14º EGAL - Reencuentro de Saberes Territoriales Latinoamericanos*. LIMA: UGI, 2013. v. 1. pp. 1-19.

\_\_\_\_\_. A representação “ideal” de um território: exemplificando a Baixada Fluminense. *Revista Pilares da História*. Ano 10, n. 11, pp. 20-30 maio de 2011.

\_\_\_\_\_. *Baixada Fluminense: representações espaciais e disputas de legitimidades na composição territorial municipal*. Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFF (Dissertação de Mestrado), 2009.

SÁ, Celso Pereira de. *Núcleo Central das Representações Sociais*. 2ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002

SIMÕES, Manoel Ricardo. *Baixada Fluminense, sociedade e natureza*. Mesquita: Entorno, 2011.

\_\_\_\_\_. *Cidade Estilhaçada – reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense*. Programa de Pós-Graduação em Geografia UFF. (tese de doutorado), 2006.

\_\_\_\_\_. *A cidade Estilhaçada – reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense*. Mesquita: Entorno, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes. O território sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In.: CASTRO, Iná; CORRÊA, Roberto L.; GOMES, Paulo C. (Orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, Marlúcia Santos de. *Escavando o passado da cidade. A construção do poder político local em Duque de Caxias*. Dissertação de mestrado em História, UFF, 2002.

SOARES, Maria Teresinha de Segada. “Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, vol. 2, n. 24, 1962.

TORRES, GÊNESIS. *Baixada Fluminense: a construção de uma história (sociedade, economia, política)*. São João de Meriti: IPAHB, 2004.

VALCÁRCEL, Ortega. *Los horizontes de la geografía*. Barcelona: Ariel, 2000.

VOLLE, Jean Paul. À propôs d’une table ronde: acteurs économiques, acteurs politiques et représentations spatiales. In: BAILLY, A.(dir). *Géographie Économique et Représentations*. Paris: Anthropos, 1995 (171-176)